

**HUMBERTO WERNECK**



HUMBERTO WERNECK  
ESCREVE ÀS TERÇAS-FEIRAS

## Bendito tiro no pé

De passagem pelo Rio de Janeiro, o jovem advogado argentino conheceu uma brasileira de queixo atrevido, e instantaneamente se encantou por ela. E agora?, deve ter ele coçado a cabeça, àquela altura ainda guarnecida de fios escuros. Problemas não faltavam para quem já se incendiava de paixão correspondida. Não bastasse ser estrangeiro, existia entre os dois enamorados uma considerável diferença de idades, Manolo à beira dos 34, Maria Julieta nos seus 21. E havia um complicador maior: a moça era filha única de pai ciumento, a quem por certo não agradaria a ideia de vê-la sair de sob suas asas para ir viver em outro país.

Que fazer?, perguntaria Lenin. De volta a Buenos Aires, Manuel Graña Etcheverry, o Manolo, tomou da pena e escreveu a Carlos

Drummond de Andrade, escancarando para o poeta e dona Dolores suas pretensões de candidato a gênero.

Advogado experiente, poderia ter sacado em causa própria uma já consistente ficha pessoal, à qual não faltaria menção ao fato de ter sido deputado, e não qualquer: autor do projeto de lei que estendeu às argentinas o direito de votar. Além disso, tinha fumaças literárias (cujo fogo, aliás, manteria aceso até morrer, quase centenário, em 2015), o que talvez contasse pontos junto ao pai da moça.

Mas não: em vez de alardear atributos e atrativos, como faria qualquer publicitário de si mesmo, o audacioso postulante preferiu enveredar por temerária contramão: pôs-se a enumerar seus defeitos e deficiências, entre as quais a origem humilde, o passado de estudante sofrível e a “rapidez incrível” com que torrou seus primeiros ganhos co-

mo advogado. Deu, em suma, o que a muitos pareceria ser um tiro no pé.

Não é que funcionou? Em menos de um mês, Manolo e Maria Julieta davam largada a um casamento que frutificou em três rapazes e que, quando se desfez, não deixou azedas suas relações pós-conjugais; ao contrário: até onde a vista alcança, sobreviveu a cumplicidade do casal, assim como a camaradagem de Manolo com os ex-sogros. Poucos casamentos, arrisco-me a dizer, podem se gabar de serem bem-sucedidos como aquela separação.

Por que esta conversa? É que, uma vez mais, pingam no meu terreiro pedi-

### Enumerar os próprios defeitos pode ser mais produtivo do que ficar contando vantagem

dos para dar pitacos num currículo vitae. Gostar, não gosto, mas em geral aceito sem reclamações, na esperança de poder contribuir com uma limpada, não digo nas qualificações, mas na maneira de apresentá-las. Confesso, porém, que às vezes me vem a vontade, até hoje sopitada, de recomendar:

– Vá por outro caminho, faça que nem o Manolo.

Sei bem do que estou falando. Já mais trabalhei num RH, fosse ele positivo ou negativo, mas desconfio que, até pelo inusitado, despertaria mais simpatia o candidato que em lugar de contar vantagem desfiasse as desvantagens de si mesmo, como fez o gênero de Drummond.

Com o perdão da imagem: quem quer a todo custo vender uma boa imagem muitas vezes procede como a criatura que, no afã de realçar encantos, vai ampliando temerariamente o decote, mesmo quando já não seja apetível a paisagem assim descortinada. Na hora do vamos ver, não há silicone que dê conta de operar milagre.

Por onde andei, na minha involuntária e logo apaixonada vida de jornalista, tive a mesa invadida por currículos, não raro esparramados por páginas e mais páginas. Aqui e ali, nas poucas equipes que a contragosto aceitei comandar, me aconteceu de dar trabalho – no bom sentido – a colegas em busca de emprego. Nunca, porém, escolhi alguém fiado apenas nas fanfarras de um currículo. Decisivo mesmo, só o papo presencial, olho no olho.

Lembro-me da esplêndida experiência que vivi, na década de 1990, como colaborador da equipe do Curso Abril de Jornalismo. Ano após ano, peneiras

continuamente aperfeiçoadas permitiam selecionar turmas cada vez mais promissoras.

Pois bem, não era raro a gente se encantar com algum dos textos que de todo canto do País borbotavam. Um dia, João Vitor Strauss e eu julgamos haver garimpado um talento de muitíssimos quilates. E animados ficamos até o dia da entrevista, quando tivemos a nossa frente um moço cuja prosa, em radical descompasso com o texto enviado, denunciava algo como genuína vocação de agente funerário – com todo o respeito por uma categoria da qual, em data cada vez mais próxima, terei de precisar.

De todos os currículos que encontrei numa redação de jornal ou revista, ficou a lembrança, tão impagável quanto inapagável, de um candidato que, sentindo esgotada a munção de elogios a si mesmo, lascou, caprichando nas vírgulas: “Conhece, de perto, Elizabeth Taylor”.

Perdi ali mais uma chance de recomendar a um pretendente que seguisse o exemplo do Manolo, ocupando-se menos em contar vantagem do que em franquear suas peribas. Material para isso é o que não faltaria aquele “conhecido visual” da Elizabeth Taylor.

## Música Livro

# A Legião Urbana que cabia em um estúdio

‘Discobiografia Legionária’ traz histórias vividas em estúdio

Julio Maria

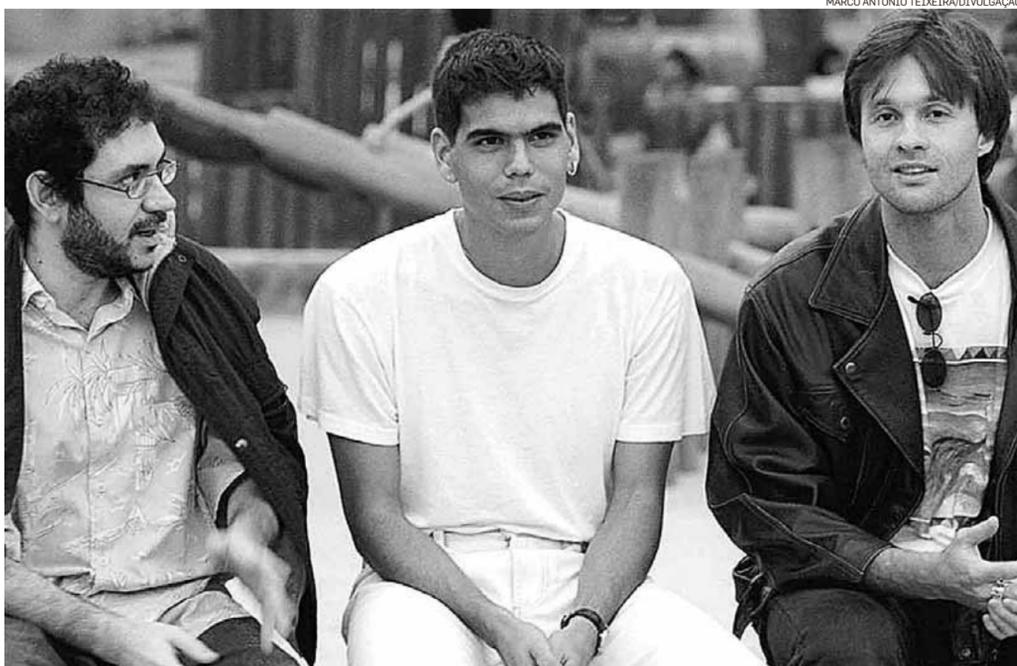
As biografias convencionais costumam explicar a vida de um artista pela obra que ele deixa. O pouco explorado caminho contrário, se ater à obra para chegar à vida, pode, contudo, trazer histórias reveladoras e saborosas que muitas vezes não passam pela apuração centrada no palco, na família, nos amigos.

A jornalista e pesquisadora fluminense Chris Fuscaldo foi aos estúdios falar com músicos, produtores, arranjadores e compositores para fazer *Discobiografia Legionária*, da editora Leya. O livro traça o comportamento artístico de Renato Russo e seus músicos – sobretudo Dado Villa-Lobos e Marcelo

Bonfá – durante a gravação de seus oito discos de carreira e da feitura dos álbuns póstumos da Legião Urbana.

Aos que acompanham as publicações sobre a banda, esse trabalho é o que parece: um filho bem nutrido dos textos originais, com novas apurações e entrevistas, que Chris escreveu para a gravadora EMI em 2010 para o relançamento em CD da discografia completa da banda brasileira. O livro traz agora aqueles textos corrigidos e mais histórias que abrangem a discografia pós-morte de Renato Russo, em 11 de outubro de 1996.

“Não sei se poderia fazer esse livro sobre outras bandas”, diz Chris, referindo-se à riqueza de histórias que uma sessão de gra-



Renato Russo, Dado Villa-Boas e Marcelo Bonfá. Generosidade e composições compartilhadas

vação pode trazer quando a banda em questão era a Legião Urbana. “Eles tinham uma vida à parte quando estavam em uma sala de estúdio. Poderiam passar dias, meses trabalhando em uma mesma música. Era uma história deles com eles mesmos e com outros profissionais.” Quando músicos entram em estúdio e “matam” uma gravação em questão de horas, a única história a ser contada é a do virtuosismo desses artistas. Para Chris, transbordaram os dilemas, as escolhas, as dúvidas, as brigas e o companheirismo que poderiam se alternar durante o

registro de apenas uma canção. “O Renato era muito planejado. Chegava para uma gravação trazendo seu caderninho, cheio de anotações.” Apesar da pretensa centralização, a atitude do líder trazia um traço de personalidade positiva. “Ele era muito generoso, um compartilhador. Queria que todos colaborassem com as criações.” Os músicos seguiam em estúdio mesmo durante o processo de mixagem, uma etapa pós-gravação que, em geral, dispensa o artista de sua presença em estúdio. “Eles jogavam vôlei em uma quadra que montavam no estúdio. Cla-

ro que também havia brigas, crises de criatividade com as quais Renato não sabia como lidar, momentos como o que Renato dá uma saída do estúdio dizendo que vai tomar um café, acaba bebendo (álcool) e ficando pela rua”, conta Chris.

O álcool entrou com força na vida de Renato, e ele falou sobre isso em momentos como na canção *Vinte e Nove*, do disco *O Descobrimento do Brasil*, de 1993. Assim conta Chris: “Entre 1993 e 1995, Renato estava extraordinariamente inspirado. Queria viver cada minuto como se fosse o último. Compôs como nun-

ca, numa velocidade nova para quem acompanhava sua trajetória e via suas dificuldades toda vez que pintava um disco novo para produzir”. Mas o alcoolismo é uma questão revelada pelo próprio artista na canção. “Me embriaguei morrendo 29 vezes.” Ela lembra também de *Sópor Hoje*, que remete ao famoso lema dos Alcoólicos Anônimos, frequentado por Renato, como lembra a autora.

Chris Fuscaldo quer agora se dedicar à finalização da biografia de Zé Ramalho. A previsão de lançamento é o primeiro semestre de 2017.



**DISCOBIOGRAFIA LEGIONÁRIA**  
Autora:  
Chris Fuscaldo  
Editora:  
Leya  
(216 págs.,  
R\$ 39,90)

## Filmes na TV

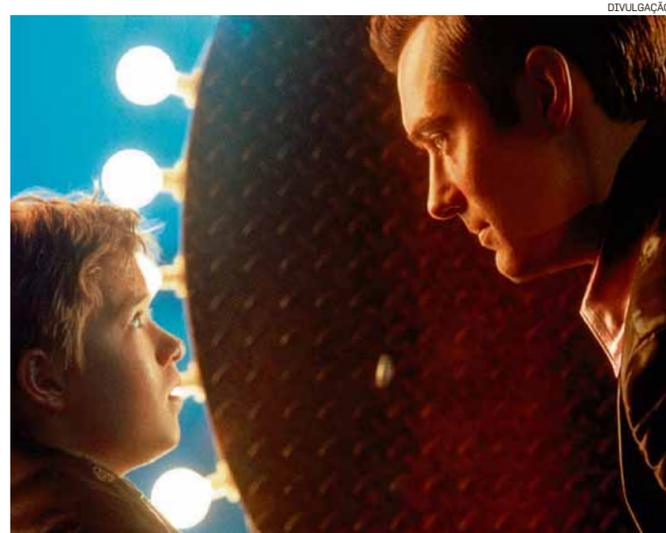
### ‘A.I.’ reúne desolação de Kubrick e otimismo de Steven Spielberg

Ubiratan Brasil

**A.I. – Inteligência Artificial**  
**A.I. ARTIFICIAL INTELLIGENCE.** (EUA, 1981). DIR. DE STEVEN SPIELBERG, COM HALEY OSMENT, JUDE LAW.

Na metade do século 21, o mundo sofre com o efeito estufa, e derrete grande parte das calotas polares, inundando boa parte das cidades litorâneas da Terra. Para controlar o desastre ambiental, a humanidade conta com o auxílio de uma nova forma de computador inteligente. Baseado em um conto de Brian Aldiss, o filme era um projeto de Stanley Kubrick, que se interessou em explorar a possibilidade da criação de máquinas com sentimentos. Com sua morte, o projeto foi herdado por Spielberg, que não revelou, infelizmente, o mesmo controle previsto por Kubrick. Mesmo assim, não é um filme descartável – trata-se, como bem definiu o site Rotten Tomatoes, de um “curioso, mas nem sempre perfeito, amálgama da desolação fria de Kubrick e do otimismo caloroso de Spielberg”. Enfim, um drama edipiano, um ato carnal. Vale a pena ver.

TEL. TOUCH, 13h40. REPRIS, COL., 160 MIN.



Sentimento. A relação, com muitos sentimentos, de máquinas

**VEJA TAMBÉM**  
**César Deve Morrer**  
**CESARE DEVE MORIRE.** (ITÁLIA, 2012). DIR. DE PAOLO E VITTORIO TAVIANI, COM COSIMO REGA, FABIO CAVALLI

Detentos de uma prisão de segurança máxima em Roma preparam uma apresentação pública da peça *Julio Cesar*, de Shakespeare. Emoção garantida por atores especiais.

TC CULT, 14h25. REPRIS, COL., 85 MIN.

**Tubarão**  
**JAWS.** (EUA, 1975). DIR. DE STEVEN SPIELBERG, COM ROY SCHEIDER, RICHARD DREYFUSS.

Praia americana é repentinamente atacada por um violento tubarão. Mesmo sem recursos, Spielberg realizou um de seus mais bem acabados filmes, com ritmo e suspense na medida certas.

TC CULT, 17h40. REPRIS, COL., 140 MIN.

## Controle na mão



‘Masterchef EUA’  
TLC/17h09



‘Futuros Milionários’  
History/21h



‘Planeta Mutante’  
Animal P./22h20



‘Deu Match!’  
MTV/23h

## Streaming

**DRAMA**  
**‘Beleza Americana’**



Com Kevin Spacey, é sobre a solidão de um homem que busca encontrar seu lugar no mundo. No meio disso, estereótipos se confundem e a história ganha contornos surpreendentes.  
**AMAZON PRIME**, 1999, 121 MIN.

**COMÉDIA DRAMÁTICA**  
**‘Sentimentos que Curam’**

Cameron é um pai com transtorno bipolar que quer reconquistar a ex-mulher e filhas. Emociona do começo ao fim.  
**TELECINE PLAY**, 2014, 86 MIN.

**FICÇÃO CIENTÍFICA**  
**‘Star Wars: Uma Nova Esperança’**

Aproveitando o lançamento de *Rogue One*, o 4.º capítulo da saga acompanha Skywalker, Obi-Wan Kenobi e Han Solo tentando destruir a Estrela da Morte.  
**NETFLIX**, 1977, 124 MIN.

## DVD



**COLEÇÃO KIRK DOUGLAS**  
Três filmes do astro centenário. Continental, R\$ 149,90

Três filmes que mostram a versatilidade de Kirk Douglas, ator que, na sexta-feira, 16, completou 100 anos. Estão na caixa *Sete Dias de Maio*, drama sobre a Guerra Fria; *A Um Passo da Morte*, belo faroeste; e *A Fúria*, suspense assinado por Brian de Palma.

## Crianças

**ANIMAÇÃO**  
**Os Incríveis**

Família de super-heróis, cujo pai já foi muito famoso, vive fora de ação, sem poder utilizar seus poderes. Divertida sátira às HQs, com personagens inesquecíveis.  
**TC FUN**, 14h15. REP., COL., 125 MIN.

Na web. Acompanhe a cobertura cultural do ‘Caderno 2’ na internet  
estadao.com.br/cultura